

SESSÕES DO PLENÁRIO

15ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 18 de abril de 2016.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem ao Dia Internacional da Luta Camponesa, em memória aos 20 anos do massacre de Eldorado dos Carajás, proposta pelo meu querido amigo deputado Bira Corôa.

Convido, para compor a Mesa, o proponente desta sessão, deputado Bira Corôa; a Srª Vera Lúcia, secretária de Promoção da Igualdade Racial; meu querido amigo, Sr. Luiz Gugé, superintendente regional do Incra; o Sr. Evanildo Costa, coordenador nacional do MST; o Sr. Antônio Sampaio, Tenente Coronel da Casa Militar; o Sr. Ivan Alex, assessor especial do governador Rui Costa; a Srª Renata Rossi, superintendente de Políticas Sociais e Reforma Agrária da Secretaria de Desenvolvimento Rural; meu querido amigo Gidu, prefeito da cidade de Boa Vista do Tupim; o Sr. Mario Soares, Advogado da consulta popular; a Srª Danielle Ferreira, representante do Coletivo Quilombo; o Sr. Márcio Matos, assessor do deputado Valmir Assunção; o Sr. Gutierrez, membro da executiva do Partido dos Trabalhadores.

Neste momento, convido a todos para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Convido, também, para compor a Mesa, o Sr. Jacob, suplente de deputado, representando o CAA.

Tendo em vista compromissos assumidos, anteriormente, eu vou me ausentar e voltarei no fim dos trabalhos. Passarei a presidência a este parlamentar e amigo, deputado Bira Corôa, para comandar os trabalhos.

(Apresentação de poema.) (Apresentação musical.)

Pátria livre! Pátria livre! Pátria livre! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido para compor a Mesa Leila Santana, da Direção Estadual do MPA. (Palmas)

Antes de mais nada, peço licença à Mesa para fazer um pronunciamento muito rápido aqui.

O Sr. BIRA CORÔA:- Quero fazer uma saudação muito especial a esses companheiros e companheiras que têm sido o maior símbolo da resistência e da nossa

luta em nossa história de vida, que têm no campo e na luta pela afirmação do campo o maior referencial da conquista brasileira e da necessidade de democratização do nosso País.

Faço uma saudação muito especial a esses companheiros, não pelo dia que estamos revivendo aqui, porque não vejo como celebração e nem como comemoração. Não celebramos e não comemoramos os nossos irmãos que são abatidos na luta pela defesa dos interesses da nossa sociedade. Mas registramos, porque são marcos importantes e estratégicos para continuarmos na luta. E que possamos vencer mais essas batalhas que estão por vir e as que estão em curso.

Então, em respeito a todas as companheiras e os companheiros acampados e assentados, desejo um dia de muita realização.

Quero saudar todos na pessoa de Liu; à Mesa na pessoa da secretária Vera Lúcia, Lucinha, como a chamo carinhosamente; e o movimento na pessoa do nosso representante nacional, Evanildo, coordenador do MST.

Quero dizer que este dia que pontuamos aqui e que está sendo registrado nos Anais desta Casa como um dia de luta, que demarca a luta internacional do campo em busca do respeito ao campo, que, hora, ainda é ausente, mas que é presente em relação à cidade.

Abro esta sessão me dirigindo a todos e todas. Primeiro, estamos celebrando 20 anos, mas registramos nos Anais desta Casa e fixamos em nossa história, que é sempre contada pelo explorador, com a visão e os interesses da elite burguesa que sempre nos explorou. A nossa história não foi contada e não somos incluídos em nossa história como protagonistas dela. Estamos buscando nesta Casa um contexto diferenciado: entrarmos nos Anais desta Casa como protagonistas da nossa própria história.

É por isso que o dia 17 não pode passar em branco e não pode deixar de ter os registros devidos.

Mais uma vez, agradeço ao MST, a todos os companheiros e companheiras que se deslocaram dos diversos pontos deste Estado para cumprir a tarefa estratégica e importante de defender a democracia, de defender, acima de tudo, os avanços sociais conquistados em nosso País, e reafirmar as nossas lutas, mas também registrar esse dia como histórico nas nossas lutas e um marco significativo para as nossas conquistas.

Quero dizer que há 20 anos ocorreu mais um ato absurdo na tentativa de impedir uma marcha pacífica e ordeira de companheiros e companheiras, quando 1.500 pessoas, entre homens e mulheres, jovens e de maior idade, representantes da produtividade no campo, na luta pelo direito condicional de ter a sua terra, em busca da reforma agrária, foram brutalmente atacados, sendo abatidos 20 dos nossos companheiros e companheiras e dezenas de outros foram violentamente agredidos pela ação do Estado, porque foi ação da Polícia Militar, sob a orientação de conter a manifestação.

É com esse simbolismo de que a violência do Estado não é suficiente para

conter o anseio e a vontade popular, não é suficiente para apagar as nossas imagens e, muito menos ainda, desconstruir as nossas lutas. É por esse marco que o dia 17 entra na história do Brasil e pauta o debate e a discussão no mundo inteiro por 20 anos, e será um referencial sempre presentes das nossas lutas.

Reafirmamos que a cada homem ou mulher que tomba na luta, na defesa dos interesses do homem no campo, ressurgem dezenas, milhares de outros que reassumem a fronteira e que assumem, acima de tudo, as trincheiras das nossas lutas. O exemplo maior está aqui: companheiros e companheiras que historicamente vêm desempenhando esse processo e esse enfrentamento.

E dizer que os 21 companheiros e companheiras abatidos nesse único ato, que se torna como um dos maiores massacres deste País, referendam o que ainda ocorre nos dias de hoje. Na semana passada, dois novos companheiros também foram brutalmente abatidos na luta da defesa dos interesses da sociedade e na afirmação do homem e da mulher do campo.

É bom destacar que no dia de ontem o Brasil também testemunhou o maior dos absurdos da condução política deste País. Um Congresso Nacional constituído para defender os interesses do povo brasileiro, para defender os interesses da sociedade brasileira, julga e pré-condena uma presidenta que tem transformado a realidade deste País, que é acusada de um crime quando todos os brasileiros e brasileiras reconhecem que o crime por que ela está sendo condenada foi o de defender as “minorias”, foi o de defender as majorias, minorias nas assistências mas majorias, e atender aos menos favorecidos que vivenciavam a realidade social, política e econômica deste País.

Assistimos mais da metade do Congresso Nacional, condenados ou respondendo por crimes, respondendo por abusos e por malversação de recursos públicos, condenando e criminalizando uma presidenta. Assistimos a sessão ser presidida pelo símbolo de maior corrupção já vista e exposta neste País, Eduardo Cunha, para atender o interesse de manter, na condução deste País, aqueles que não tiveram o credenciamento da sociedade brasileira com o maior do seu valor, que é o seu voto, que não foram votados. É lógico que toda essa movimentação visa colocar na presidência do Brasil, com o afastamento de Dilma, visa colocar à frente do Brasil uma dupla que representa o pior do contexto da política nacional, Temer, não eleito e jamais será condizido à presidência da República pelo voto popular, que num golpe tenta sentar à cadeira da presidência do País. E quem orchestra e conduz todo esse interesse é o seu grande aliado, que também responde por um conjunto de outros crimes, Eduardo Cunha.

Qual o objetivo central desse movimento? Não apenas tomar a condução do País, mas, acima de tudo, jogar debaixo do tapete as sujeiras em que todos eles estão envolvidos. Posso assegurar que mais de 70% dos deputados que votaram ontem pelo “sim”, estão, pelo menos, respondendo a um processo, estão pelo menos indiciado em um ato de corrupção, estão pelo menos envolvidos até o pescoço na lama construída ao longo dos anos e do processo político e econômico neste nosso País. A eles cabe apenas aquela manobra e a condução que nós testemunhamos, que nós vivenciamos, que o Brasil testemunhou.

Deixo um grande alerta no dia de hoje. O dia de ontem, para todos nós, foi um dia simbólico na nossa luta, e agora tem duas marcas. Tem a marca dos sangues, das lágrimas de companheiros e companheiras de corpos tombados pela violência do Estado em Eldorado dos Carajás, mas também tem a marca de que o Congresso Nacional imprime ao Brasil uma derrota da democracia e uma derrota dos interesses da nossa sociedade.

Por isso, quero me posicionar muito claramente aos companheiros e companheiras. Para nós que nascemos na luta, para nós que fomos forjados enfrentando a tirania, enfrentando a elite burguesa e os interesses específicos e restritos a exploradores, não nos abatemos com uma derrota. Perdemos uma batalha, mas não perdemos a guerra.

Continuaremos firmes nas nossas lutas, (palmas) porque compreendemos que este Brasil, para ser de todos e de todas e, de fato, poder se vestir de verde e amarelo, precisa reconhecer e executar a reforma agrária; precisa assegurar direitos ao homem e à mulher do campo; precisa fazer avançar as políticas no mundo do trabalho, para que trabalhadores e trabalhadoras passem a ser reconhecidos não apenas no argumento teórico, mas também na sua valorização socioeconômica. É assim que, dentre os crimes que a presidenta Dilma Rousseff comete, gerando a indignação e a raiva da elite, dentre outras grandes conquistas do povo brasileiro, está o reconhecimento da trabalhadora e do trabalhador doméstico na condição de trabalhadores. Isso quebra um elo histórico e presente em nossos dias: o trabalho escravo nos lares disfarçado de emprego doméstico. Sem dúvida nenhuma, é um momento em que nós não apenas fazemos reflexões, mas nos colocamos à disposição dessa luta.

A elite, capitaneada pelas figuras que já citei e conduzida pelos interesses da grande mídia, na qual se destaca a Rede Globo, tentou e conseguiu implementar ódio na sociedade brasileira. Reafirmo que nós não pedimos para entrar na guerra, não pedimos para entrar na briga, mas, como bons sertanejos que somos, perdemos um boi para não entrar numa briga, mas doamos uma boiada para não sair dela. (Palmas) Essa luta é nossa! (Palmas)

Não nos abatemos pelo circo armado que vivenciamos no dia de ontem. Não nos abatemos pela manobra feita por parlamentares que tentam esconder os seus crimes, penalizando ou criminalizando quem construiu e quem vem realizando a transformação neste País. Não nos abatemos diante do circo e do cenário, montados no Congresso Nacional, porque uma marca não podemos deixar de esquecer: aquele Congresso não representa os interesses do povo brasileiro; aquele Congresso não representa o homem e a mulher do campo; aquele Congresso não representa trabalhadores e trabalhadoras dos centros urbanos e da zona rural; aquele Congresso não representa a juventude; aquele Congresso não representa setores organizados da nossa sociedade; aquele Congresso não representa as mulheres, os negros, os indígenas e os quilombolas, ou seja, não representa nenhuma das comunidades tradicionais do nosso povo, nem a transformação e a continuidade do desenvolvimento neste País. Aquele Congresso Nacional representa, com o ato e o

circo montados no dia de ontem, um retrocesso das conquistas políticas, mas não iremos permitir isso.

Encerrarei dizendo o que um grande poeta nosso já disse: “Vamos, amigo, lute. A gente não pode perder o que já conquistou.” Guerra, luta e o que for necessário para o homem e a mulher do campo, e para a sua afirmação! (Palmas) Por isso, quero encerrar dizendo da minha satisfação de, no dia de hoje, um dia após a um golpe imposto pelo Congresso Nacional ao povo brasileiro e, sem dúvida nenhuma, aos companheiros e companheiras do campo, quero externar a minha satisfação de ter sido escolhido pelo MST para receber a tarefa e a responsabilidade de estar conduzindo esta sessão de hoje, para que, nesta Casa, não passe em branco o dia 17 e não passe em branco, acima de tudo, a força e a disposição das nossas lutas.

Sucesso! A luta continua, companheiros e companheiras.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Eu queria aproveitar para convidar para compor a nossa mesa, Franklin, companheiro da Frente Povo sem Medo, e Fábio Nogueira, representante do PSOL. Eu sei que, num ato como este, a mesa termina ficando imensa, mas extremamente representativa e necessária.

Neste momento, passo a palavra a Marcinho, representante do gabinete do deputado Valmir Assunção. Aproveito, Márcio, pedindo licença a você, para me antecipar e dizer que o companheiro Valmir Assunção, mais do que ninguém, queria estar neste ato, mas está cumprindo uma vasta tarefa, a que assistimos no dia ontem. Orgulhou-nos termos lá um representante à altura de nossas lutas, falando em nome dos baianos. Nós, na condição de baianos, nos sentimos muito satisfeitos com a nossa representação. (Palmas)

O Sr. MARCINHO:- Quero cumprimentar o deputado Bira Corôa, parabenizá-lo pela iniciativa da sessão especial, aqui, hoje. Quero, companheiro e companheiras, de forma muito breve, dizer do orgulho que tenho de estar aqui, hoje, como militante do MST e representando o nosso companheiro Valmir Assunção. Quero dizer, companheiros e companheiras, que penso como Valmir, que disse ontem, no Congresso Nacional, estar votando contra o golpe em nome da memória dos 21 companheiros que tombaram em Eldorado dos Carajás. Queria dizer, companheiros e companheiras, que é em nome desses companheiros, que tombaram em Eldorado dos Carajás, e de tantos outros que tombaram na trajetória da luta pela reforma agrária em nosso País, como nosso companheiro Fábio, aqui no Estado da Bahia, que temos a responsabilidade de seguir a luta neste País, de não nos acovardarmos diante das tentativas de golpe dessa direita golpista que temos em nosso Brasil.

E nós, do Movimento Sem-Terra, que nunca tivemos vida fácil, nós, da luta pela reforma agrária, que nunca tivemos medo, nós, que não nos acovardamos diante da repressão, diante dos crimes cometidos pelo latifúndio, não vai ser nesta hora que vamos faltar com o nosso País para lutar e resistir até o final, companheiros e companheiras, em defesa da democracia. Eu sei, meus companheiros e companheiras,

que devemos ficar em Salvador, em outras capitais do Brasil, durante mais algum tempo. Mas eu sei, Evanildo, que quando a gente voltar de Salvador, vamos incendiar a Bahia e o Brasil com a ocupação de terra para poder resistir ao golpe.

Um abraço, companheiros e companheiras. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido para fazer uso da palavra o superintendente do INCRA, Luiz Gugé. (Palmas)

O Sr. LUIZ GUGÉ:- Bom-dia a todas e a todos, gostaria de cumprimentar a Mesa, na pessoa do deputado Bira Corôa, deputado atuante, e parabenizá-lo por esta iniciativa de realizar uma atividade tão importante para nós, que militamos neste campo da reforma agrária. Lembrar os companheiros mortos em Eldorado dos Carajás é lembrar de uma passagem muito triste da vida de quem caminha pela reforma agrária.

Entrei no INCRA em 1994, e logo em 1996 nós tivemos essa página tão ruim da nossa história.

É lembrar também que essas partes ruins fazem com que o crescimento da energia para a luta de vocês, trabalhadores e trabalhadoras, parece que ganha uma força incrível, porque de lá para cá, vocês, com o governo, principalmente vocês levando à frente a luta da reforma agrária, coalharam este País, esta Bahia de assentamentos de reforma agrária. E não foram somente os 19 em Eldorado dos Carajás, vários outros tombaram, mas vocês nunca se abateram.

Então, companheiros e companheiras, eu queria parabenizá-los, parabenizar a luta de vocês. Ficou claro para a sociedade brasileira quem foi contra o golpe, quem ficou à frente das manifestações, quem levou para as ruas a indignação do povo brasileiro. Então, MST, NPA, CUT, todos os representantes de entidades sindicais, o pessoal do PSOL, os senhores estão de parabéns.

E queria dizer também que hoje é um dia triste, porque, como bem disse o nosso deputado Bira Corôa, ontem foi um dia complicado para o nosso País. Mas vamos à luta, não nos deixemos abater, vamos conquistar mais, tenho certeza disso. E com a força de vocês, que saem do interior, que não têm medo de ir para o campo, de ir para a luta, nós vamos virar essa página e vamos conquistar mais terra, vamos conquistar mais felicidade, educação, saúde para os nossos filhos.

Muito obrigado por estar aqui e vida longa ao MST. Vamos à luta!

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero chamar para fazer uma breve saudação o membro da Executiva do Partido dos Trabalhadores, Gutierrez.

O Sr. GUTIERREZ:- Bom-dia, companheiros e companheiras, ontem o nosso dia foi muito importante e muito de luta. Saúdo aqui o deputado, companheiro do

nosso Partido, o Partido dos Trabalhadores, e parabeno-o pela iniciativa do promover esta sessão em memória à chacina de Eldorado dos Carajás, porque aqui tem um povo que não se cansa da luta, que é o povo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.

Aproveito também para saudar, em nome das mulheres, – pedir licença aos demais da Mesa – a companheira Vera Lúcia, que também é assentada, está ocupando um cargo importante no nosso governo, é do Partido dos Trabalhadores, e é secretária da Secretaria de Promoção e Igualdade Racial.

Companheiros e companheiras, o nosso Partido está vivendo um momento, porque durante esses 13 anos conseguimos fazer enormes mudanças na sociedade brasileira, específica e prioritariamente para os trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade, ao mesmo tempo que conquistamos muitas coisas na nossa sociedade, como a reforma agrária, a luta por moradia digna, como a universidade, porque muita gente não tinha acesso à universidade e passou a ter.

Nós temos desafios pela frente ainda em relação às políticas públicas, mas, por outro lado, temos uma direita que vem na tentativa, durante esses treze anos, ou melhor, durante os 36 anos do nosso Partido, vem tentando criminalizar a esquerda e o Partido dos Trabalhadores. Mas aqui tem um povo que resiste e tem um povo que não vai parar de lutar. E temos uma tarefa para os próximos dias que é continuar na luta, seja no campo, seja na cidade, seja nas instâncias partidárias, seja nas assembleias legislativas e na Câmara Federal.

Nesse sentido, companheiros, venho dar esta saudação em nome desses companheiros que foram mortos, em nome do companheiro presidente do Partido que foi morto e também liderança do Movimento Sem Terra da Paraíba, que foi morto na semana passada na luta, porque estava na contramão dos grandes latifundiários e dos interesses da classe burguesa.

Então, temos a tarefa de continuar na luta, companheiros. Não vamos baixar a cabeça. Não vai ter golpe! Vai ter luta!

Um abraço a todos e a todas. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quebramos um pouco a formalidade da Mesa e vamos sempre colocar representações e também representantes de instâncias governamentais, mas, neste momento, cedo a palavra ao representante do PSOL, Sr. Nogueira.

O Sr. FÁBIO NOGUEIRA:- Bom-dia a todos e todas. Quero parabenizar o deputado Bira Corôa pela iniciativa desta sessão. Hoje é um dia em que nós, da esquerda democrática, daqueles que acreditam na reforma agrária, na reforma urbana, nos movimentos sociais, vamos iniciar grande diálogo, buscando a unidade das esquerdas para combater esse golpe dado pela direita conservadora, por Michel Temer, Eduardo Cunha, o PSDB de Imbassahy e o DEM de ACM Neto.

Não vamos nos silenciar. Não vamos nos calar. Eles acham que ganharam. Mas

não ganharam. Não ganharam porque não tem o povo do lado deles. Não tem os movimentos sociais. Não tem o MST. Não tem a CUT, não tem líder sindical, não tem a Frente Brasil Popular, não tem a Frente Povo sem Medo, e, sobretudo, o PSOL não se rendeu. Votamos contra o impeachment da presidente Dilma, todos os nossos parlamentares. Apesar de todas as críticas que fazemos ao PT, fazemos oposição de esquerda programática ao governo Dilma, mas porque defendemos interesse da classe trabalhadora e não ficamos do lado de golpistas, de pessoas que nunca pensaram no povo e que têm medo da gente. Sabe por que têm medo? Porque não querem distribuir renda! Porque não querem distribuir terra! Porque não aceitam que povo construa com a sua própria mão os destinos deste País.

Então, neste sentido, eu queria deixar uma saudação a todos do MST. Eldorado dos Carajás, 20 anos!, e continuamos sendo vítimas de massacre, morte de companheiros na cidade e no campo. Mas estamos na luta. É isso que é o mais importante. Nós temos o que dizer. Temos projeto para construir. Nós temos uma estrada para caminhar, um trecho para seguir. É isso que a esquerda precisa fazer hoje. Nós temos que nos juntar, nos unir e dialogar para dizer o seguinte: queremos mais democracia, queremos mais direitos, queremos mais terra! Nós temos o povo na rua mobilizado, e não vamos dar sossego a Michel Temer! Não vamos dar sossego ao PMDB, não vamos dar sossego a Eduardo Cunha, porque esse governo é ilegítimo.

Esse governo não foi eleito! Esse governo não tem voto! O povo elegeu a presidente Dilma Rousseff, que sofreu um processo de golpe institucional, apesar dos mais de 50 milhões de brasileiros que votaram nela! Isso não vamos admitir. Não vamos dar sossego 1 minuto, e vamos reverter, levando a pauta da democracia e, sobretudo, levando a pauta da reforma agrária. Vocês são indispensáveis. Vocês é que vão fazer a diferença, porque a esquerda brasileira, o povo brasileiro, o Brasil depende de vocês, para que possamos construir um novo caminho para o Brasil, apontar um projeto diferente em que possamos ter reforma agrária, terra para o povo pobre, terra para o povo trabalhador! E aqueles que nos insultam, aqueles que não aceitam que os negros, que os trabalhadores ocupem os espaços do poder vão se dar mal, porque o povo está ocupando, o povo está consciente.

Estamos avançando e vamos avançar muito mais, porque a consciência da classe trabalhadora, a consciência do povo, a consciência do sem-terra é o que vai fazer a diferença agora.

O PSOL votou contra o impeachment, contra o golpe, e vai continuar na Oposição contra esse governo ilegítimo, sem voto, de Michel Temer, porque não aceitamos esse tipo de golpe. Não estamos do lado da Fiesp, não estamos do lado dos poderosos, estamos do lado do povo, da classe trabalhadora.

Uma saudação aos companheiros do MST! Parabéns por essa mobilização! Sigamos firmes na luta. Reforma agrária popular já! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao advogado

representante da Consulta Popular, Mário Soares, para uma breve saudação.

O Sr. MÁRIO SOARES:- Bom-dia, companheiros e companheiras.

Gostaria de saudar antes de qualquer coisa o povo dos sem-terra aqui reunidos. Está muito bonita a nossa audiência. Em segundo lugar, saúdo o deputado Bira Corôa pela propositura desta sessão e os demais companheiros e companheiras do governo, além dos movimentos sociais presentes.

No ano de 1996, quando fomos vitimados pelas mãos e ferramentas de destruição do latifúndio contra o povo sem-terra, tendo 21 companheiros assassinados no Estado do Pará, num imediato reflexo ao Massacre de Eldorado dos Carajás, um conjunto de militantes, lutadores sociais do campo do MST, resolveu organizar uma marcha no ano seguinte, em 1997, a Brasília, a Marcha dos 100 mil. E chegando lá convocamos a Conferência de Itaici, onde estavam presentes inúmeras lideranças e movimentos sociais para discutir ali, naquele momento em que o capital no campo avançava contra os trabalhadores e trabalhadoras, a necessidade de desde já resgatarmos um debate sobre um projeto para o Brasil. E é aí que surge a Consulta Popular como uma criação do Movimento dos sem-terra, um filho, uma filha dele. E disto nós nos orgulhamos muito. Temos orgulho de ter sido paridos pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, que é a vanguarda da revolução socialista em nosso País.

Gostaria, companheiros e companheiras, de destacar três questões para que possamos discutir aqui acerca da conjuntura nacional nesta breve saudação, porque neste Parlamento estamos para homenagear os nossos mortos, que seguem vivos na nossa memória, porque é eterna a nossa luta de emancipação da classe trabalhadora.

Estamos vivendo um período de crise econômica mundial, de crise do imperialismo, e temos que demonstrar nas nossas manifestações como há o dedo, a intervenção dos Estados Unidos nesta desestabilização da nossa Nação, provocando e almejando um realinhamento neoliberal na América Latina. Eles querem retomar sua influência no continente, querem seguir provocando guerras, desestabilização!

Falávamos de golpe constitucional lá em 2009, quando eles vitimaram o presidente Zelaya, em Honduras. Ali foi o primeiro golpe constitucional. Em 2011 assistimos à derrocada do presidente Lugo, da Frente Guazú, formada por movimentos populares, como temos aqui a Frente Brasil Popular, muito parecida. Eles derrotaram o então presidente do Paraguai com a alegação de ser uma iniciativa absolutamente constitucional.

Esse é um novo tipo de golpe que assombra a América Latina. Eles não trarão mais os militares porque estes, em grande medida, estão desgastados pelo passado golpista da ditadura militar. Agora é um golpe de novo tipo, dito constitucional, mas que tem como objetivo claro retirar direitos da classe trabalhadora, oprimir os operários, explorar a classe camponesa, perseguir os negros, as mulheres, a população LGBT! Eles querem construir uma sociedade brasileira com sede em Washington! Esses caras são antinacionais, não têm um projeto nacional. E desta crise do imperialismo nas nossas manifestações devemos explicitar o conteúdo anglo-norte-americano, queimar a bandeira dos Estados Unidos e demonstrar como os

imperialistas querem sabotar o nosso País e o continente.

Uma segunda questão fundamental desta conjuntura no Brasil, companheiros e companheiras, é a correlação de forças dentro deste Congresso dominado pelas empresas, pelo agronegócio, pela bancada evangélica. Vocês viram ontem na votação? Muitos evocando Deus, a propriedade privada, a liberdade individual para defender o golpe. Este Congresso não nos representa! Faremos a mudança por fora dele, pelo movimento social, que reverterá este cenário golpista!

E por último, companheiros e companheiras, não há iniciativa para nós que não seja a mobilização de massa. Talvez este seja o principal momento, no qual mais precisamos do MST. Precisamos dele para que nos ajude a salvar o Brasil, a nossa Nação, avançando no processo revolucionário pelo País. Como fez ontem o deputado Valmir Assunção, que teve a coragem de saudar o comandante revolucionário Carlos Lamarca e Carlos Marighella.

Viva a classe trabalhadora! Não vai ter golpe! Vamos reverter este processo!

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra, para uma saudação, a Daniele Ferreira, que aqui neste ato representa o Coletivo Quilombo.

A Sr^a DANIELLE FERREIRA:- Bom-dia.

Antes de qualquer coisa, quero saudar a Mesa na figura do deputado Bira Corôa, que preside esta sessão e propôs que neste dia estejamos debatendo a memória da luta dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais sem-terra. Saúdo também a secretária Vera Lúcia Barbosa, representando o governo, a nossa Lucinha. E o nosso companheiro Evanildo, que com muita organização e luta conseguiu fazer no final de semana uma grande ocupação na Barra em defesa da reforma agrária e hoje a ocupação deste espaço.

Quero dizer aos trabalhadores e trabalhadoras rurais sem-terra que vivemos um momento único. E eles acreditam que vamos recuar. Só que não vamos, porque a luta, o espaço público e a ocupação das ruas sempre foi o nosso lugar. Para nós nunca nada veio fácil, nada nunca veio de graça! Tivemos de perder milhares de vidas de trabalhadores e trabalhadoras, de lutadores e lutadoras neste País para ter algumas conquistas. E neste instante eles tentam nos dar um golpe constitucional criminoso, absurdo, porque não pesa sobre a presidenta da República nenhum crime, nada daquilo que foi dito ontem por aqueles golpistas no Congresso Nacional! Eu me senti envergonhada de assistir àquela sessão, de ver golpistas falando em nome do povo brasileiro sem poder representá-lo. O povo brasileiro somos nós que estamos aqui ocupando esta Casa, que estamos ocupando as ruas todos os dias em defesa da democracia e por mais direitos. E é este povo brasileiro que durante esta semana e quantos dias mais forem necessários continuará ocupando as ruas para defender a democracia em memória daqueles e daquelas que um dia tombaram em nome desta nossa luta!

Quero agradecer e dizer que não vamos sair das ruas! Vamos conquistar a

reforma agrária popular neste País. E em conjunto com o MST, a juventude e o movimento de mulheres ocuparemos todos os espaços. Se eles querem nos amedrontar e acham que vamos desistir, estão enganados! É a luta social, é colocar mais gente nas ruas, é fazer no dia a dia a disputa que vai fazer com que mostremos a eles que não vai ter golpe!

Obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra à representante do MPA, Leila.

A Sr^a LEILA:- Bom-dia a todos e todas.

Só a força que o povo do campo tem para continuar lutando! Indignada, depois do show de horror de ontem e tantas falas, espero que a população brasileira reconheça as caras da violência, a mão que mata os agricultores e as agricultoras, todos os camponeses! A mão que persegue as diferentes religiões deste País! E que a gente consiga mostrar à população brasileira que o que está lá em Brasília não nos representa. E a companheira falou isso muito bem!

De início, saúdo a todos e todas nas pessoas de Lucinha, enquanto mulher negra que nos representa no processo de luta no campo, e do companheiro Evanildo, diante do show de horror e da necessidade de caminhar lutando!

Agradeço ao MDT por provocar coletivamente ao relembrar que a face violenta do Estado brasileiro é aquela de ontem, que evoca Deus, que evoca a família e de interesses altamente individuais. Não evoca o povo brasileiro, o povo é a sua própria família. E que consigamos exercitar, a partir de onde estamos, o relembrar. Relembrar que o Estado brasileiro violento é aquele que falou ontem e que a minoria que reivindica mudanças foi alvejada pela direita golpista. E eu acho que o movimento que defende os agricultores, a partir da direção estadual e da direção nacional, por quem eu falo hoje aqui, reafirma o compromisso de coletivamente continuar lutando. E que a gente saia daqui para travar novas trincheiras, o golpe não passará, a violência não passará, e eles tenham medo de nós, de todos nós.

Acho que é isso que a gente tem que exercitar. Exercitar a luta, exercitar a violência coletiva no sentido do enfrentamento, e fazer com que eles tenham medo de nós, que a gente não se curve frente a eles. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido para uma breve saudação o suplente de deputado estadual desta Casa, com muita satisfação, oriundo das nossas lutas, o companheiro Jacó.

O Sr. JACÓ:- Bom-dia, gente! (A plateia responde: Bom-dia!)

Gostaria de saudar a Mesa em nome do presidente, nosso amigo e deputado Bira Corôa, é um prazer e uma honra, Bira, ter você presidindo esta sessão. Quero

saudar o companheiro Evanildo, nosso líder do MST e saudar também a nossa companheira Lucinha, e em nome dela eu saúdo todos os demais.

MST! (A plateia responde: Nossa luta é para valer!)

MST! (A plateia responde: Nossa luta é para valer!)

MST! (A plateia responde: Nossa luta é para valer!)

Gente, este é um momento importante, porque nós temos que lembrar dos nossos irmãos que foram assassinados em 1996 em Eldorado do Carajás. Naquela época, a nossa luta era combatida por fazendeiros, por latifundiários, por aqueles que construíram o País para poucos. Por aqueles que odeiam os pobres, por aqueles que odeiam o povo da roça, por aqueles que não querem ver filho de preto nem filho de empregada virar doutor. No entanto, o MST incentivado pelo testemunho da luta, do sangue derramado pelos companheiros, manteve essa luta pela terra, porque não pode um País do tamanho do Brasil não ter uma reforma agrária. Não pode um País do tamanho do Brasil, deputado Bira Corôa, 40 mil fazendeiros ter mais da metade das terras deste País. Que País é este?!

E é este país e são essas forças que mataram os nossos irmãos em Eldorado dos Carajás. Essa mesma gente que se reuniu ontem em Brasília com o apoio da mídia golpista para derrubar a nossa presidente eleita. Não tenho dúvida de que é esse mesmo povo que odeia os pobres, que odeia os pretos, que odeia os trabalhadores e que não quer ver filho de pobre nas universidades. É esse povo que nos odeia, e nós temos que ter a cabeça erguida, temos que nos inspirar nos companheiros que perderam suas vidas na luta pela terra, porque a luta continua! Quem não pode com os sem-terra não assanha o formigueiro!

Quem não pode com os sem-terra... (A plateia responde: não assanha o formigueiro!)

Quem não pode com os sem-terra... (A plateia responde: não assanha o formigueiro!)

Quem não pode com os sem-terra... (A plateia responde: não assanha o formigueiro!)

Por isso, companheiros, a luta continua e viva a reforma agrária!

(Gritos e apupos.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra, para uma saudação, ao representante da Frente Povo Sem Medo, Franklin Oliveira. (Palmas)

O Sr. FRANKLIN OLIVEIRA:- Boa-tarde, companheiros e companheiras, companheiro Bira Corôa, convocador desta reunião, aproveito para pedir ao companheiro que coloque nos Anais da Assembleia Legislativa um dos fatos muito desagradáveis que aconteceram ontem no Brasil.

A Frente Povo Sem Medo marcou para 12h30min/13 horas, no Campo Grande, vinha com um minitrio, acompanhada por militantes do PSOL e, particularmente, por

militantes dos sem-teto. Eram cerca de 400 pessoas.

O que aconteceu dá para todo mundo ver qual é o caráter da luta que nós estamos enfrentando: passamos pela Vitória, onde pensamos que iríamos encontrar problemas, não houve problemas na Vitória, onde moram altos setores da classe dominante local, e depois descemos a Ladeira da Barra. Na Ladeira da Barra, nos jogaram ovos e tomates dos prédios onde mora a classe média alta. Nossa resposta foi condizente com a ideia de dividir setores médios. Ao invés de xingá-los, pedimos que jogassem arroz, farinha, feijão, que jogassem até bebida para a gente, que jogassem dinheiro para os sem-teto voltarem para casa.

Nós dissemos a eles que nunca mais iria ocorrer de eles fazerem medicina na faculdade sem um copeiro, um camponês, um sem-teto ou um negro estarem sentados a seu lado, que nunca mais eles iriam gozar de privilégios de só eles receberem dinheiro da Caixa Econômica para financiar seus apartamentos. Que nunca mais eles estariam nos grandes restaurantes sem a companhia de uma pessoa que conseguiu uma ascensão social, melhorou a vida e está lá. Que nunca mais eles iriam viajar para o exterior sem a companhia dos farofeiros, daqueles que conseguiram botar uma passagem no crédito e viajar também para o exterior. Então, companheiros, esse é um exemplo concreto para mostrar a vocês a luta que estamos travando.

Ontem, eles ganharam uma batalha, mas uma guerra é feita de muitas batalhas, e nós... Como vocês sabem, vocês não conquistaram seu acampamento, sua fazenda, onde estão estacionados, logo de primeira. Às vezes, saíram, foram expulsos, e voltaram. Eles não vão nos expulsar. O Brasil, companheiros, está ameaçado. Não haverá reforma agrária com Temer e Cunha no poder. Não haverá mudanças na educação do País. Não haverá nenhuma reforma social. Não haverá nenhuma reforma urbana, nem no campo, com esses golpistas do poder.

Então, que cada um ocupe o seu lugar. Vamos salvar o Brasil! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra, para uma simples saudação, ao tenente-coronel Antônio Sampaio. (Palmas)

Aproveito para dizer da satisfação que temos hoje da relação construída com a Casa Militar e o segmento dos movimentos. Aproveito em público, coronel, para fazer um agradecimento, pela disposição, pela forma receptiva e responsável como a Casa Militar tem conduzido os nossos apelos, as nossas intervenções e, especialmente, tendo, pela primeira vez na história deste Estado, uma imparcialidade na forma de conduzir.

O Sr. ANTÔNIO SAMPAIO:- Obrigado, deputado. Bom-dia a todos e a todas, nosso querido amigo, deputado Bira Corôa, parabéns pela iniciativa da sessão, que, infelizmente, é da memória dos mortos, dos sem-terra de Eldorado dos Carajás.

Estou aqui como representante do chefe da Casa Militar do governador, coronel PM Gomes, que manda um abraço a todos. Ele faz o acompanhamento do movimento há muitos anos.

Eu, como militante da Polícia Militar – atividade da qual tenho muito orgulho –, acompanho o MST há mais de 20 anos. Caminhei muitas vezes com a companheira Lucinha e o companheiro Valmir Assunção. Nessa condição, queria dizer que não existe país nenhum no mundo que tenha crescido e evoluído sem reforma agrária.

A Polícia Militar, o nosso ex-governador Wagner e, agora, o nosso governador Rui sempre nos orientaram a buscar uma reforma agrária e um acompanhamento dos movimentos sociais sem violência. Ninguém ganha com violência! O que queremos é uma reforma agrária que seja intensa e na paz. E garanto aos senhores e às senhoras que a Casa Militar do governador e o comando da Polícia Militar do Estado da Bahia estão lado a lado com os movimentos sociais e com as conquistas do nosso Estado.

E que Deus salve o nosso Brasil! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao prefeito de Boa Vista do Tupim, João Durval Trabuco, o nosso Gidú. Trabuco vem da espingarda e da luta.

O Sr. JOÃO DURVAL TRABUCO:- Bom-dia aos companheiros e às companheiras. Parabéns ao MST por essa luta desses últimos dias e, principalmente, durante esse episódio que a gente acabou de ver ontem em Brasília. Quero também saudar o deputado Bira Corôa e parabenizá-lo por esta iniciativa de lembrar – não estamos comemorando, estamos só lembrando – a morte dos nossos companheiros de Eldorado dos Carajás.

Eu estava dizendo ali na Mesa para os nossos companheiros que esse massacre tem 20 anos, e até agora, nada. Mas, para fazer o que fizeram ontem, se juntaram em poucos meses para tirar aquilo de vocês. Porque não tiraram a presidenta do poder, tiraram o povo brasileiro, porque ela foi para lá com mais de 54 milhões de votos nossos. E não serão nunca 300 e poucas figuras que estão lá, que não nos representam, que vão tirar a presidente da República. Ela não foi julgada, de forma nenhuma, por nenhum erro; ela foi julgada, exatamente, pelos acertos destes governos – os nossos companheiros que falaram aqui antes de mim já disseram para vocês quais são esses acertos. É importante dizer isso para a gente não ter dúvida nenhuma sobre qual é o nosso lado nessa história.

A única vitória que eles conseguiram naquela sessão de ontem, para mim, foi manchar a história deste País. Eu tenho certeza absoluta de que os filhos deles, que eles tanto falaram ontem, vão ter vergonha do pai que têm por terem dito sim ao impeachment.

Portanto, meus companheiros, não vamos sair das ruas. E quando a gente voltar para os acampamentos, para os nossos assentamentos, a gente tem que ter a clareza de informar aos companheiros que ficaram lá que a nossa luta está apenas começando, e ela nunca parou.

Um grande e forte abraço no nosso companheiro Evanildo, que tão bem representa o MST.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra à secretária de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia, que muito nos honra, Vera Lúcia. (Palmas)

Antes, Vera, me permita dizer da grande satisfação que tenho de conhecer a sua história de vida, a sua história de luta. Posso dizer que temos, aproximadamente, 9 anos de uma relação mais próxima, período em que pudemos acompanhar as suas ações na representação do governo, e nós aqui no Parlamento. Não tenho como não dizer da satisfação de ter alguém que vem lá da origem da luta, da condição de sem-terra assentada, e desponta neste Estado com a capacidade de conduzir, pela segunda vez, uma Pasta no governo do Estado, sendo uma referência entre as grandes executivas da Bahia.

Quero dizer que o mais importante de tudo isso é a certeza de que chegar à condição de secretária do Estado da Bahia não lhe tirou a razão, o direito e, acima de tudo, a consciência e a confiança de continuar grande militante.

Obrigado, Vera, e parabéns por essa trajetória que nos contempla. (Palmas)

A Sr^a VERA LÚCIA BARBOSA:- Bom-dia a todas as companheiras e a todos os companheiros, sintam-se todos saudados e saudadas, tanto os que estão mais em cima quanto os que estão aí em baixo.

Gostaria de saudar a Mesa; a minha colega Renata, que faz parte da SDR, Secretaria de Desenvolvimento Rural, representando o nosso secretário Jerônimo, que hoje está em Maragogipe numa tarefa da sua agenda de governo; o nosso colega de governo Sampaio; o nosso colega do governo federal; o nosso grande parceiro da luta da estrutura fundiária deste País, Dr. Gugé; a nossa representação do PSOL, Nogueira; o nosso prefeito Gidú, que representa um dos municípios que tem a cara dos sem-terra, que é Boa Vista do Tupim – acho que lá está a maior parte dos assentamentos da Reforma Agrária, essa é uma simbologia muito boa, ser prefeito de uma cidade que majoritariamente é rural e sem-terra, tem a cara do MST, da Seta e dos movimentos do campo; o Gutierrez, representando o nosso Partido dos Trabalhadores; Dani, nessa movimentação da juventude contra o golpe, acompanhando todos os dias as atividades de não ao golpe, com a cara e a presença da mulher negra nessas nossas mobilizações; Jacó, que brevemente será nosso deputado, assim como o deputado Bira; Franklin, grande parceiro das nossas lutas desde o Sindicato dos Músicos e desde o início do MST em Salvador; Mário, da Consulta; nosso companheiro Evanildo, que está agora assumindo muito bem a direção nacional do MST, representando os sem-terra da Bahia. Parabéns, Evanildo, pela sua atuação, convicção, firmeza e pelo caldeirão de luta que está fazendo o nosso Estado ferver, desde que assumiu a direção nacional pelas mãos do nosso companheiro Marcinho e da nossa companheira Beth.

Nosso deputado Bira Corôa, um dos deputados que tem a nossa cara, dos sem-

terra, não só porque tem barba, mas porque parece com a gente; você faz parte de nosso caldo cultural, da luta do campo. É a representação da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial aqui nesta Casa, a nossa pauta para dentro do governo. Sou a voz, juntamente com os demais secretários, mas aqui nesta Casa a voz da questão racial é o nosso deputado Bira Corôa. Portanto, deputado, parabéns pela ligação das nossas lutas – a luta rural com a luta racial – nesta Casa.

Acho que esta sessão é um exemplo da junção que você conseguiu fazer: a luta dos negros, do MST e pela Reforma Agrária em nosso Estado. Então, você está de parabéns, sintase também um sem-terra. A sua luta no PT, no movimento sindical e nesta Casa vem dizendo isso, e você não nega nunca. Por isso, de pronto, quando Evanildo fez o pedido, você aceitou e fez a movimentação nesta Casa, e hoje estamos aqui. Parabéns. (Palmas)

Alonguei-me na apresentação porque só vou fazer uma saudação. Acho que a fala principal é a do nosso dirigente representando o MST, mas não poderia fazer parte dessa Mesa sem fazer uma saudação aos nobres companheiras e companheiros.

Gostaria de abrir dizendo que acho que o dia que vivenciamos ontem ficará marcado na nossa memória e na nossa história. Acho que os jovens e as crianças do MST que estão aqui quando estiverem velhos vão lembrar desse dia como um dia singular na nossa história.

Portanto, eu gostaria de abrir a minha saudação trazendo um grande abraço para a nossa bancada de deputadas e deputados federais que fizeram um trabalho brilhante em Brasília. E, em nome da bancada, quero saudar três companheiros: Wyllys, do PSOL. Ele fez uma fala dele breve e resumiu dizendo que estava envergonhado de fazer parte daquele momento na Câmara e disse: “Canalhas, canalhas e canalhas”. Acho que ele resumiu o sentimento de todas e todos nós que vivenciamos aquele circo de ontem.

Houve duas falas dos nossos deputados sem-terra. Primeiro de Valmir Assunção, o nosso grande companheiro. (Palmas) Hoje, ele não está aqui em corpo, mas está aqui representado por todas e todos nós. Ele fez uma menção brilhante. Ontem, completou 20 anos do massacre de Eldorado dos Carajás. Vou reproduzir para alguns que não ouviram a fala de Valmir. No dia de ontem, 20 anos do massacre de Eldorado dos Carajás, mataram, no momento exato, 19 sem-terra. Dois morreram depois. Portanto, 21 companheiros mortos no massacre de Eldorado dos Carajás e tantos outros feridos e mutilados ainda sobrevivem lá no acampamento. E, naquele instante, quem governava o Estado do Pará era o PSDB, partido esse que ontem se sentiu à vontade. Estão sentindo que já vão governar o nosso país com o ato que eles fizeram, ontem, contra a nossa presidenta Dilma.

Portanto, o dia de ontem ficará marcado na história pelo massacre de Eldorado dos Carajás, sobretudo agora pelo golpe que a direita vem fazendo. E, ontem, foi o primeiro round e nós perdemos. E Leonardo Boff está dizendo isso em todos os espaços que ele vai. Ele diz: “Se o povo brasileiro soubesse o que está por trás” – e eles não vão falar isso nunca – “do espetáculo que eles começaram a armar e concretizaram a primeira tarefa deles ontem, estariam todos e todas nas ruas, porque o

que eles querem não é depor a presidenta Dilma, não é tirar a mulher presidenta Dilma do poder. Eles querem é fazer a interrupção nas políticas sociais que vêm sendo construídas desde o início do governo Lula e teve sequência no governo da nossa presidenta Dilma. E mais do que interromper as conquistas sociais, eles vão retirar as conquistas sociais.”

Porque o que eles querem dizer para nós esse estado que nós construímos, que nós fizemos, estado diz o quê? A presidência da República, aquele espaço lá da Câmara, o espaço do Senado, o espaço do Judiciário que é o Superior Tribunal de Justiça, os demais juízes nos Estados, esses espaços não são de negros, não são dos sem-terra, não são das mulheres, não são dos jovens e, sobretudo, não são do povo pobre, esse espaço é da elite brasileira. Portanto, deixamos vocês por um tempo e vamos retirar tudo o que vocês conquistaram até aqui. E mais, vão interromper essa onda que é a onda vermelha que conseguimos construir.

Assim, a mensagem, companheiras e companheiros, ontem, foi nítida e precisamos estar atentas e atentos. Mas eu acho que ou eles esqueceram desse tempo que nós ficamos no governo, ou eles apostam nisso. O que eles não sabem é que nós não sabemos navegar em águas calmas. E isso parece que é característica de nós negros. Os negros quando eram trazidos da África para vir para cá, muitos deles ficavam com banzo. Amoleciam, amoleciam e morriam nas águas calmas do mar. Nós negros, mulheres, pobres dos movimentos sociais não sabemos navegar em águas calmas. E estavam muito calmas as nossas águas. Sabemos navegar em águas turbulentas, com ondas, porque para isso que o nosso coração é vermelho, que as nossas bandeiras são vermelhas. Por isso temos que, daqui para a frente, aproveitar essa movimentação que a própria Globo está dizendo, tudo que acontece de ruim na nossa vida é sempre para melhorar. Temos que pegar isso, fazer disso a nossa bandeira, aprender com isso e construir, de fato, o país e a Bahia que a gente quer, que é um país socialista, uma Bahia socialista. E esse caminho que a gente escolheu, que é o do processo eleitoral para eleger os nossos companheiros, de estar como secretária de Estado, é um caminho que passamos um tempo por ele, só por um tempo. Porque o que queremos construir é maior, que é um país socialista, um país de igualdade, de promoção da igualdade racial, igualdade de gênero, igualdade de direitos para todos e todas.

Portanto, acho que, hoje, amanhecemos mais fortes, porque, afinal, retomamos a nossa planície que sabemos navegar e navegar muito bem. Por mais conquistas, por mais direitos, nem um passo atrás, se eles pensam que vamos dar. Poderemos dar para pegar impulso para conseguir alcançar o nosso objetivo, que é um país socialista para todos e todas.

Muito obrigada. (Palmas) Parabéns a nossa organização do MST, acho que mais do que nunca reafirmamos agora que todos viram e verão que nós, filhos do nosso país, não fugiremos à luta, nunca e jamais. Por isso estamos nas ruas, por isso vamos continuar nas ruas, porque é assim que vamos fazer e dar continuidade ao nosso processo democrático no nosso País.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para registrar a presença de Vítor, da Consulta Popular.

Quero registrar a presença e conceder a palavra para uma breve saudação a deputada Neusa Cadore, que também contribui com nossa luta aqui nesta Casa e pela sua própria história de vida.

A Sr^a NEUSA CADORE:- Bom-dia, valorosos companheiros e companheiras do MST, queria saudar nosso querido deputado Bira Corôa que faz um trabalho muito significativo nesta Casa à frente da Comissão Especial da Promoção da Igualdade. Parabéns, Bira, por esta manhã e por toda sua trajetória aqui nesta Casa.

Queria saudar essa extensa Mesa, saudar o Evanildo Costa, que aqui representa o Movimento Sem-Terra em nível nacional; o prefeito Gidú e saudar todas as mulheres na pessoa da nossa querida Vera Lúcia, Lucinha, que aqui representa a força da mulher do campo, a força da mulher do movimento, que aqui neste espaço tão bem representa o que precisamos hoje. Uma jovem mulher com muita competência para estar nesse importante espaço da política, que ainda é um espaço tão pouco aberto e acessível para as mulheres.

Queria dar um abraço em cada mulher, em cada homem que se encontra nessa Mesa, abraçar carinhosamente as crianças, as mulheres, os jovens, os pais de família que estão aqui. Encontramos irmãos do MST por todos os cantos desta Assembleia. Vemos no rosto de vocês o cansaço, esses dias não foram fáceis. Mas nada melhor do que, depois do dia 17/04, estarmos aqui com vocês. Vocês dizem para nós que o lugar certo é de cabeça erguida, em marcha nas ruas, juntos.

Então, quero uma salva de palmas para essa presença, para esse testemunho, para essa contribuição, que não é de hoje. Se estamos vivendo esse momento no Brasil, e não é um momento de derrota, é um momento que cobra de nós coragem para seguirmos vencendo. Se elegemos um nordestino para ser o presidente da República foi com a participação de brasileiros e brasileiras como vocês, trabalhadores e trabalhadoras do campo em vários espaços da nossa sociedade, juntaram forças, construíram condições, alimentaram sonhos e conquistaram o direito de termos um filho do povo à frente deste País. Mas a direita não suporta que ganhamos por quatro vezes consecutivas as eleições neste País, e que tivemos a capacidade de fazer em poucos anos uma grande revolução nesse País. Essa revolução tem nome, são muitas políticas sociais que chegaram onde muita gente não vê. Sou de um município pequeno, Pintadas, cuja população é de apenas 10 mil habitantes, e Pintadas assim como qualquer outro pequeno município do Brasil, particularmente do Nordeste, do Semiárido, é testemunha de que chegou para nós para pagar uma dívida de séculos, chegou a energia, chegou a água, chegaram os programas de habitação, chegaram as políticas para a agricultura familiar. Está muito presente nesse interior, nos pequenos municípios a luta, a voz e a participação na luta das pessoas que querem

fazer do campo, querem fazer do Semiárido o lugar onde tenhamos direito à terra e à condição de ficar na terra. Tudo isso é muito importante, a abertura das universidades para os filhos de trabalhadores.

Quero dizer que o balanço que faço desse momento de enfrentamento, de dureza, porque dói na alma e no coração da gente, ninguém ficou contente ontem, ninguém pôde sair da rua ontem. Saímos indignados, tristes, envergonhados com um Congresso que hoje não representa o povo brasileiro. O balanço que faço é que a nossa alegria vem quando vemos exemplos, como circulou nas redes sociais, uma menina negra se torna estudante de medicina, e ela diz, o destino que estava marcado para mim, com todo respeito às domésticas, era como se uma menina negra só pudesse ser doméstica, mas ela hoje é médica porque ganhou uma bolsa de estudos do programa do governo federal. Para mim, o maior saldo desse momento, o maior saldo desses 12 anos é porque despertamos para muitas coisas. Despertamos para os direitos e isso ninguém vai tirar de nós.

Nós acreditamos, sim, que é possível fazer um governo diferente, ter um Estado que nos garanta tudo de bom e de melhor: queremos terra, casa, tecnologia, desenvolvimento, mas queremos respeito, queremos sobretudo que essa sociedade, que esse Brasil, e não é o Brasil que está lá majoritariamente representado, aqueles deputados que ontem votaram dando risada, fazendo festa, sacudindo bandeiras e não deixando quando as vozes que iam lá dizer não ao impeachment, não respeitando sequer, como a voz de Alice Portugal, a voz de Jean, a voz de todos aqueles que foram lá para se manifestar pela manutenção do governo do Partido dos Trabalhadores, de partidos aliados. Víamos lá, ontem, eles não suportavam nem isso. Manteremos firmes dentro de nós aquilo que aprendemos com Lula, que nós temos direitos, que o País é dos homens e mulheres filhos desse Brasil, independente de cor, de raça, de religião, de raça, de orientação sexual.

Este País é nosso. E nós vamos continuar, sim, caminhando, refletindo, levantando a nossa voz, continuando a fazer as nossas caminhadas, como vocês tão bem, sempre, marcam o mês de abril, a exemplo da Marcha das Margaridas, a marcha das mulheres no campo. Isto marca a vida deste País, porque muita coisa nasceu deste esforço e se tornou política pública.

Então sabemos que não fomos derrotados. Nós estamos em uma caminhada. Nós estamos mobilizados.

E, mais do que nunca, aprendemos ontem que devemos saber escolher quem nos representa. Ainda existem muitas confusões no meio de nós. O Brasil não merece aquele Congresso do jeito que está. E quem vai mudar isso? Somos nós, porque o voto de cada um tem que ser feito com muita consciência. Vemos que o voto tem preço, mas não o preço de um saco de cimento, não o preço de uma esmola. Mas, para nós darmos o nosso voto, nós precisamos ter a certeza de que iremos ter o respeito aos nossos direitos.

Quero finalizar, aqui, dizendo que, no fundo do nosso coração, nós sentimos gratidão. Ao renovar as nossas esperanças e a nossa coragem, temos ânimo ao olhar para o rosto dos homens e das mulheres deste País, a exemplo de vocês, que vestem o

vermelho, levantam a bandeira; a exemplo das mulheres que pegam os seus filhos no braço e se expõem ao cansaço, à dificuldade mas têm, sempre, esta disposição, porque é o que temos visto neste País como o MST e todos os movimentos do campo presentes.

Hoje, nós lembramos de todos aqueles que tombaram. Em nome desse sangue, dessa dedicação e dessa coragem, com fé na luta, porque sabemos que o único caminho é a luta, a mobilização, a solidariedade e o carinho que temos uns pelos outros que fizeram e fazem alguns terem a coragem de dar a própria vida.

É em memória a todos os guerreiros que tombaram, homens e mulheres do campo, a exemplo dos nossos irmãos que foram abatidos em Carajás, a exemplo da nossa querida Margarida, estamos todos aqui para afirmar que vamos seguir em frente.

Muito obrigada pelo exemplo, garra e coragem de todos vocês. E, juntos, com certeza, vamos caminhar para um novo dia, para uma nova terra e uma nova sociedade.

Grande abraço, companheiros. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para registrar as presenças.

Ao mesmo tempo, concedo, para uma breve saudação, a palavra à deputada Fátima Nunes, sertaneja e mulher que tem feito a diferença nesta Casa em defesa dos interesses, principalmente, do homem e da mulher do campo.

A Sr^a FÁTIMA NUNES:- Bom-dia a todos e a todas. (Palmas)

Quero saudar a Mesa que está repleta de autoridades. Sintam-se todos representados em nome do deputado Bira Corôa, nosso grande companheiro de batalha aqui nesta Casa. Saúdo o nosso superintendente do INCRA, representando o governo federal. São, também, muitos os representantes do MST na Mesa e, por isso, eu os saúdo em nome do Sr. Livanilson e a nossa secretária Lucinha, representante entre as mulheres ao lado da Renata.

Companheiros e companheiras, eu acabo de chegar daquela trajetória dura e vitoriosa no campo da força, energia, participação e boa vontade do povo.

Mas, lamentavelmente, neste País, um bandido comandou uma sessão e fez um ultraje à democracia (palmas) através de um golpe instalado à vista (palmas) e a olhos nus (palmas) com tantas e tantas pessoas presentes. Neste Brasil inteiro, ontem, para todos os lados que nós olhávamos, havia acenos de bandeiras vermelhas, de mãos e de pessoas presentes dizendo: “Não aceitamos o golpe! Fica, Dilma!”

E o que presenciamos e o que vocês presenciaram pelos telões foi a hipocrisia maior que se pode contar nesta pátria brasileira. Foram votos proferidos em nome de pai, de filhos, de netos, de marido, de sobrinho, de tudo que não tem relevância na vida deles, porque, para a nossa vida, sempre teve. Eles fizeram uma traição à pátria amada brasileira.

E, aí, quando a gente acordou, hoje pela manhã, parecia que a gente ia dizer assim: “Poxa vida, e agora?” Bom, agora é a luta. A gente já estava dizendo isso que não ia ter golpe, mas que ia ter muita luta.

Então, hoje, a gente renova, nesta sessão especial, a memória e a lembrança daqueles que tiveram suas vidas ceifadas e daqueles assassinados cruelmente na batalha dos Carajás. E, junto a eles, lembramos nomes e nomes. Lembro-me de Benedito lá de Adustina. E cada um, em seu dia a dia e em sua região, lembra de muitos outros nomes.

Mas a gente sente que cada vez que lembramos, a gente diz: “A luta não acabou! Vamos seguir em frente!” Digo isso porque, neste País, os graúdos, sempre, serão os graúdos. No avião, vim sentada ao lado de um graúdo que me deu enjoo e cheguei a mascar um chiclete para suportar e para ver se não cuspi na cara dele, assim como fez o Jean Wyllys na cara de Bolsonaro, porque mereceu aquela cuspidinha.

Pois bem, mas eles, sempre, estarão tramando para que as riquezas e a fortaleza, que é o nosso Brasil, sirvam, sempre, a eles e ao pequeno grupo deles. Jamais, eles pensarão nas multidões da periferia. Jamais, eles pensarão naqueles que lutam pela terra. Jamais, eles pensarão naqueles que têm um pedacinho de terra mas que não conseguem melhorar a sua condição de vida na agricultura familiar ou naqueles que se organizam em tantos movimentos.

Vi, há pouco, Adilson, do Movimento Dia do Trabalho assim como Saulo e os companheiros. São tantos e tantos movimentos espalhados por este Brasil afora lutando para ter o direito de viver e de viver com dignidade, viver com oportunidade, viver com melhoria da sua condição de vida que, às vezes, é tão pouquinha. (Palmas) O sonho é ter uma casa, um terreiro com algumas cabras, umas ovelhas, uma máquina para cortar os produtos e colocar no mercado.

Isso é tão insignificante em relação ao tamanho da ganância do capitalismo, pois existe a dureza no coração deles para querer ter sempre mais e mais. Digo isso até porque, nos governos de Dilma e de Lula, eles não perderam nada. Quando se criaram os Programa Luz para Todos e Minha Casa Minha Vida, foram eles que mais ganharam. Quando a gente lê as estatísticas dos jornais que falam da economia dos bancos, foram eles que ganharam mais.

E, mesmo assim, eles têm este ódio podre, perverso, duro, como nós víamos nas expressões de ontem com expressões como “Fora Lula! Fora Dilma! Fora PT!” Bem, logo, fora o povo brasileiro então! Eles querem viver sozinhos nesta Nação! Eles acham que este País é só para eles.

Mas nós temos certeza e confiança em nosso bom Deus de que este País é de todos nós. Não vamos parar a nossa luta.

Portanto, mais uma vez, parabéns a todos os dirigentes e os coordenadores.

E quero dizer só mais uma palavrinha. Minha gente, reparem bem. Bem, nós, o povão deste País, também, nos confundimos muito. A gente se lembrou de votar na Dilma e já foi uma eleição meio apertada. E nós não percebemos que não fizemos a mesma força para eleger os deputados federais.

Quantas vezes o deputado Bira Corôa tem escutado eu dizer isso aqui na tribuna? Quantas vezes o Gugé me ouviu dizer no meio das reuniões, quando ocupamos o INCRA e outras organizações por aí afora? A companheira Lucinha...

Porque parece que quando chega perto das eleições passa uma nata em nosso pensamento, em nosso olhar que a gente faz coisa para agradar. Para agradar a Lucinha, que é uma liderança, eu voto no candidato dela, Valmir Assunção, mas para agradar a alguém que é mais próximo eu divido o voto. Já meu filho vota em outro deputado que é contra a reforma agrária, que é contra a democracia, que é contra a oportunidade do Brasil se transformar.

Acho que isso é uma grande lição, dura, muito dura, porque a gente não sabe como vai ser o dia seguinte. Não precisava a gente estar passando por isso, ainda mais com os golpistas, fascistas, sexistas que não gostam nem de respeitar, no mínimo, a mulher. Quando a deputada Moema foi falar, eles faziam de tudo para tomar a palavra de Moema, para fechar.

Então, para encerrar a minha fala, quero que a gente continue nessa boa energia, nessa boa força e sempre na luta, porque um dia, com certeza, este País vai ser nosso!

Muito obrigada! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para registrar a presença da deputada Maria del Carmen.

Deputada, Evanilson, que já está com o tempo dele comprometido também com a gente, pede que a senhora faça uma saudação de, pelo menos, 3 minutos a esses nossos companheiros e companheiras que aqui estão presentes.

A Sr^a MARIA DEL CARMEN:- Bom-dia para todas e todos.

Eu também estava em voo, voltando de Brasília, junto com a deputada. A minha mala ficou perdida e por isso acabei me atrasando.

Acho que o coração de todos nós hoje está doendo, está sangrando, mas também esse vermelho que invade esse salão invadiu Brasília e o Brasil inteiro mostra a força de todos nós.

É com essa força, com essa coragem e com essa determinação que os companheiros deram a vida lá, em Eldorado dos Carajás, que vocês no dia a dia, companheiros e companheiras da reforma agrária, do Movimento sem-terra, lutam dia a dia. E é essa a força que tem que guiar os nossos passos com a certeza de que se estivermos juntos, mobilizados, organizados conseguiremos vencer e caminhar na trajetória de construir o País que sonhamos, o que aqui foi colocado muito bem pela deputada Fátima Nunes.

Portanto, só posso, nesse pouquinho tempo, para não tomar mais, pelo atraso já do horário, dizer a todos vocês que estamos na luta, estamos juntos e, com certeza, venceremos.

Eles, os poderosos, os ricos, aqueles que não têm compromissos com o nosso povo, que ontem mostraram claramente... O que aconteceu ontem também foi uma lição, um momento importante para a gente reconhecer quem são nossos aliados e quem são nossos adversários, quem é aquele em que a gente pode confiar de fato e os em que nós não podemos confiar. Os que estão do nosso lado caminham ao nosso lado, e os que a gente pensava que caminhavam ao nosso lado mostraram muito claramente que têm outro lado, que não estão do lado do povo e que não estão do lado das transformações que a gente deseja para a sociedade.

Portanto, companheiras e companheiros, mesmo com dor, mesmo com o sentimento de tristeza que cobre os nossos corações e enchem os nossos olhos de lágrimas, vamos dizer: somos fortes, somos vitoriosos, vamos continuar na luta! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, passo a palavra ao representante nacional do MST, Evanildo Costa. (Palmas)

Aproveitando, Evanildo, para antecipar os meus agradecimentos pelo MST ter proporcionado a esta Casa, ao nosso mandato, aos mandatos comprometidos com as nossas lutas, um dia tão especial como o de hoje.

Mesmo com a dor, com o sofrimento da derrota na batalha de ontem, nós podemos sair daqui, desta sessão, conscientes de que a luta continua e que esses companheiros e companheiras são o estímulo maior para que nesta Casa, para que nos setores em que a gente esteja fazendo a disputa e o enfrentamento à elite burguesa e aos interesses adversos aos interesses da nossa sociedade, para dizer que a luta continua.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra o Sr. Evanildo Costa.

O Sr. EVANILDO COSTA:- Bom-dia a todos e a todas, quero dizer que estamos com problema de garganta, porque tomamos chuva e sol há 2 dias, nessa nossa caminhada do final de semana.

Quero agradecer, em nome do nosso movimento, ao deputado estadual Bira Corôa, por ter esse compromisso com os movimentos sociais. No primeiro momento em que dialogamos com ele sobre a possibilidade de articular esta sessão, ele cuidou logo de organizar.

Peço uma salva de palmas ao deputado Bira Corôa e a todos os deputados nesta Casa comprometidos com a reforma agrária e os movimentos sociais. Várias pessoas passaram por aqui para saudar, outros não estão aqui porque estão em Brasília, no processo de luta, e dialogando com lideranças políticas, para construir os novos passos da Esquerda para o próximo período.

Também não estão aqui diversos movimentos sociais, como a Frente Brasil Popular, porque dormiram de madrugada, mas aparecerão no nosso acampamento para saudar nossa luta hoje ou amanhã.

Estão presentes aqui os companheiros da Frente Povo sem Medo; os

companheiros do PSOL e do MPA; o companheiro Gugé; o companheiro Sampaio, que tem demonstrado o compromisso de cumprir com a sua função de polícia sem criminalizar a classe trabalhadora, o que é muito importante para nós; Renata, companheira da consulta; companheiro Mário, prefeito de Boa Vista; companheiro Jacó, que será deputado, no ano que vem, com Bira Corôa e tantos outros, porque tem vários companheiros nossos, deputados estaduais, que vão virar prefeito. Dessa forma, o nosso companheiro Jacó será deputado, para defender com mais força a reforma agrária.

Quero dizer aos companheiros que muitos de nós, quando entramos no MST, passamos por muitas dificuldades na vida, não tínhamos o que comer todos os dias, assim como mais de 32 milhões de pessoas. Passamos fome todos os dias, comendo café com farinha, dizendo que era muito gostoso, mas, na verdade, era por necessidade. Não tivemos oportunidade de estudar. Muitos de nós aprendemos a ler quando entramos no MST.

Pelo fato de passarmos por tantas dificuldades, o nosso primeiro desafio, quando aprendemos a ler e a escrever, foi procurar entender o significado de tudo isso na história. Olhando a história do povo brasileiro, dos escravos, dos índios e de tantos lutadores que nos antecederam, podemos dizer com muita clareza hoje – como vi algumas postagens no Facebook– que, se tiver um pobre que lute ou bata palmas para a Direita neste País, é como se um negro, escravo, batesse palmas para o senhor de escravos que lhe batia para que construísse as suas mansões, suas riquezas, explorando o povo brasileiro, escravizando os nossos negros.

Por isso, nós, do MST, fazemos lutas, somos radicais todos os dias, ocupando o latifúndio e o que for necessário, para não baixar a cabeça diante das elites deste País.

Aprendemos também com a nossa história, com o nosso capitão Lamarca, de quem falei na praça ontem e falarei com mais precisão aqui. O capitão, enquanto capitão militar, chegou para fazer um despejo e desmobilizar uma quantidade de trabalhadores que estavam ocupando e paralisando uma fábrica, liderados pelo jovem nordestino chamado Zequinha Barreto.

Esse companheiro saiu de Brotas de Macaúbas, assim como Lula saiu de Pernambuco, retirante, para ganhar vida em São Paulo, trabalhando no dia a dia para construir a capital. Lá, esse companheiro organizou uma greve com os trabalhadores, lutando pela redução da jornada de trabalho, por melhores salários, pelo 13º, e assim por diante. O capitão Lamarca chegou à porta com a tropa para poder tirar os companheiros à força se fosse possível bater, matar. Mas era uma decisão da Justiça de cumprir com aquela desmobilização que estava propondo naquele momento. Na hora em que ele chegou com a tropa na porta da fábrica, Zequinha subiu na mesa e falou: “Não tem problema nenhum a Polícia entrar para atirar em nós. Mas aqui vai morrer todo mundo! Polícia, trabalhador! Aqui, nós não vamos nos render”. Então, é por isso que aprendemos com Lamarca e Zequinha através daquele gesto. O capitão voltou para casa pensando no gesto daquele jovem. Quando chegou lá, foi para o quartel organizar novos soldados junto com ele e aquela guerra de guerrilha para poder resistir junto com os trabalhadores ao regime militar. Isso é um aprendizado

que nós temos na nossa história!

Agora vamos juntos no mês de maio celebrar também - não comemorar - a vida desses companheiros que morreram dando o seu sacrifício por nós. Lembraremos a história dessa companheirada! Vamos estar juntos com os companheiros, em Brotas de Macaúbas, para podermos lembrar essa história. Por isso, nós do MST, depois de ter passado mais de 4 horas fechando a BR-324, fomos para o Farol da Barra ainda com fome. A primeira refeição nossa foi 10 horas da noite, passando o dia debaixo do sol e sem alimentação. Ontem, tomamos chuva até 2 horas da manhã defendendo a democracia, chegando ao INCRA 3 horas. E muitos aqui nem tomaram café!

Estamos aqui para poder dizer que, apesar do ato vergonhoso que aconteceu ontem no Brasil, a luta continua. (Palmas) O nosso companheiro capitão Lamarca em muitos momentos de resistência, quando parecia muito difícil continuar, encontrava um companheiro dele, dava um abraço e dizia: “A luta continua”! É por isso que o MST está aqui. E hoje com muito mais orgulho, companheiros, porque entramos com mais um 17 para a história. Tinha um 17 Eldorado dos Carajás, que é o motivo desta sessão especial. E agora também tem o 17 do que está sendo golpeado.

Hoje, o povo brasileiro - que não é Dilma, mas a maioria dos brasileiros que votou - é contra o impeachment e quer Cunha na cadeia, por causa deste Estado burguês que tem um Poder Judiciário que protege os ricos deste País, protege a elite, protege os bandidos do Brasil! E é importante também dizer que isso acontece numa atuação junto com os grandes meios de comunicação, em especial a Rede Globo, a qual faz com que as vítimas sejam criminalizadas - os trabalhadores! Mas quem é marginal realmente é absolvido. Por isso, temos de ir para as ruas fazer as lutas cada vez mais radicalizadas!

Quero deixar claro que para nós aqui a nossa luta é motivo de muito orgulho. Apesar de termos entrado para a história com este golpe na Nação brasileira, o nosso orgulho enquanto trabalhador rural e movimento social é saber que não estávamos no sofá assistindo de camarote, e sim na rua defendendo aquilo que mais acreditamos. (Palmas, muitas palmas.) Sim, defendendo aquilo que a gente mais acredita! (Palmas)

Queremos deixar bem claro que nós fazemos a nossa luta no dia a dia e de forma radicalizada. Quem achou que vai nos diminuir porque está golpeando a nossa presidenta... Acho que Temer, que realmente não tem voto nem pra ser senador da República, vai virar presidente colocado pela *Rede Globo* e pelo Poder Judiciário deste País. É possível, mas podem ter certeza que eles jamais vão fazer a gente ficar de joelhos diante deles!

Nós nunca tivemos vida fácil neste Brasil. Na nossa trajetória, vamos fazer cada vez mais luta com muita força. Depois de Eldorado dos Carajás, a nossa força aumentou. E depois que do que aconteceu recentemente no Paraná a nossa luta vai ser com muito mais força ainda! Principalmente depois da covardia que fizeram com o nosso militante semana retrasada lá na Paraíba, assassinando um companheiro na frente da sua filha de 1 ano e meio! E essa criança ainda passou a noite toda em cima do pai morto, porque a mãe não estava em casa! Isso é um desastre! Mas isso a Globo não fala! Isso eles não comentam!

Então, por razões como essas, a nossa luta vai ser muito mais radicalizada!

Aproveito para dar um recado aos nossos governantes que colocamos lá com muito sofrimento. Queremos dizer que fomos para a rua não porque estávamos satisfeitos com a forma como a nossa presidenta estava governando o País, porque quem tinha os privilégios foi, justamente, quem golpeou ela ontem à noite.

Os trabalhadores foram para a rua eleger ela em 2014! (Palmas) Mas, na verdade, ela vem sofrendo as chantagens dos deputados ruralistas, sofrendo as chantagens da Rede Globo e vem cedendo, vem administrando, vem implementando a política neoliberal que foi derrotada nas urnas e, em muitos momentos, foram tirados os direitos da classe trabalhadora!

Isso foi um erro!

Mais uma vez, mostramos que ela tinha de estar ao nosso lado. E fomos nós quem fomos às ruas, mais uma vez, para defender ela contra o golpe. E vamos quantas vezes forem necessárias, porque é uma defesa da democracia!

Assim, também, fazemos com o nosso governo do Estado!

É importante, também, nós entendermos que, neste exato momento, o nosso governador, que também elegemos, tem que entender quem realmente é o principal aliado dele, porque, na hora decisiva, tenho certeza, muitos ficarão do lado dos fazendeiros, ficarão do lado das grandes elites e ficarão contra o nosso governador. E somos nós quem irá às ruas para defender ele!

Então, por isso, estamos aqui fazendo a luta política! Vamos ficar aqui o tempo que for necessário para construir a agenda junto aos movimentos dos companheiros da Frente Brasil Popular, do povo sem medo, das centrais sindicais!

A partir de amanhã, vamos ter resultado da nossa pauta e do acordo firmado com o nosso governador, pois seu governo não vem cumprindo com as escolas, com as estradas, com os tratores, com a assistência técnica, com melhoria para a nossa comercialização que é, para nós, também, termos mais força e mais disposição para defender os nossos governos e fazermos, cada vez mais, o enfrentamento das elites deste País! E, assim, conseguiremos conquistar, de fato, a reforma agrária e conseguirmos, de fato, uma igualdade para todo o povo brasileiro!

Parabéns a cada militante que está aqui!

Uma salva de palmas para cada um de vocês (muitas palmas) que está nesta caminhada sem tempo para voltar para casa, porque só vamos sair daqui com coisas concretas! Mas, também, para vários outros militantes que, neste momento, estão nos acampamentos e assentamentos que, há uma hora, fecharam as BRs, fecharam em Barreiras, fecharam em Itamaraju, fecharam em Eunápolis, fecharam em outras cidades pedindo justiça pelo massacre dos nossos companheiros em Eldorado dos Carajás! (Muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Retomando a sessão, quero, antes de mais nada, externar o agradecimento, Ivanildo, a todos os militantes do MST, os que aqui estão abrilhantando esta sessão, deixando a marca da nossa luta. Por isso, temos a certeza de que um golpe não abate os interesses do nosso povo. E em relação àqueles que não estão aqui ou que não tiveram nesta trajetória que já foi descrita – ontem, na Barra, e hoje, acampados no Incra onde ficam até amanhã –, na discussão da pauta com o nosso governo do Estado; bem como aqueles e aquelas que estão cumprindo outras tarefas em outras frentes de luta – como aqui já foi citado, nos dias de ontem e hoje –, mostrando o nosso protesto e a nossa indignação contra a impunidade que ainda acoberta os autores da chacina dos 21 companheiros e companheiras do Eldorado do Carajás; entre outros que poderia citar que também marcam a nossa história com o seu sangue e com o seu corpo tombado para garantir o direito à democracia.

Não é muito fácil poder ocupar um espaço como este. Esta Casa, assim como todas as instâncias de poder neste nosso Estado, a Bahia, assim como no estado brasileiro e, porque não dizer, nos nossos municípios foram projetadas para os mesmos. Foram projetadas para ser a extensão familiar. Vocês são testemunhas de que ontem eles não omitiram isso. O compromisso deles era com a família, com Deus, mas não era com o povo brasileiro. O compromisso deles não era garantir o direito à terra a quem precisa dela para trabalhar; não era garantir o direito ao teto a quem não tem um teto para morar; não era garantir o direito à educação a quem precisa avançar na educação; não era o de permitir que filhos de trabalhadores rurais, de empregados domésticos, de motoristas e de outros que poderia citar, a exemplo dos pescadores e das marisqueiras, chegassem à condição de doutores, adentrando as universidades deste País. O que fica claro nessa grande luta e nessa disputa é a divisão de classe social ainda muito evidente no nosso País. E nós temos a responsabilidade de superá-la.

Esta Casa, no dia de hoje, celebra um dos seus mais nobres dias, que é a nossa presença, com a nossa cara, com a nossa cor, com o nosso cheiro e com a nossa identidade de brasileiros, de brasileiras, de baianos e de baianas. Essa é a diferença que eles não conseguem reproduzir. Eles não conseguirão jamais colocar a cara e a presença do povo nesta Casa, porque ela foi projetada para não ter povo, mas para ter os mesmos. Basta dizer que a sua estrutura oferece Galerias que sequer dão condições de acomodar representantes da sociedade ou de interesses setoriais do nosso povo. O acesso e a estruturação também inibem e impedem a nossa presença no cotidiano. E o dia de hoje é diferente. É um dia diferente porque o MST, os trabalhadores e as trabalhadoras sem-terra podem dizer: “Nós ocupamos a Assembleia Legislativa pela porta da frente, com dignidade, com respeito.” (Palmas)

Nós estamos marcando 20 anos de impunidade de um crime brutal do Estado brasileiro; 20 anos de procura pela Justiça, que não é uma outra justiça, mas a mesma Justiça que tenta incriminar Dilma e Lula por terem transformado a realidade do povo brasileiro; 20 anos de uma ação da própria corporação militar e também da própria Polícia Federal.

Eles estão prontos para barrar as nossas caminhadas nas estradas, principalmente nas rodovias federais, mas não estão prontos e não têm capacidade de coibir o armamento da milícia construída pela elite burguesa, em especial pelos latifundiários do cotidiano que temos de enfrentar. Essa mesma estrutura não se coloca à disposição dos interesses da sociedade e do nosso povo. Então, o dia de hoje é um dia muito especial. Eu me emociono muito, porque eu vejo cada um de vocês e me vejo em cada um de vocês, porque as nossas origens são as mesmas, os nossos ideais são os mesmos, as nossas bandeiras são as mesmas, a nossa cor é vermelha e a nossa epiderme reflete a nossa cor negra, fruto de um processo de miscigenação, mas acima de tudo, de satisfação.

Antes de encerrar este ato quero agradecer a presença de todos vocês. Esta Casa tem, hoje, o privilégio de receber quem de fato representa a nossa identidade no campo. Também quero aproveitar para fazer um agradecimento a todos os servidores públicos do Poder Legislativo, por nos permitir construir junto com a coordenação nacional do MST este evento. Estamos, inclusive, avançando um pouco o horário que nos foi previsto, mas os agradecimentos nunca são demais, são extremamente necessários. Agradecer as representações da Mesa; aqueles que se pronunciaram; deputados e deputadas que contribuíram com este evento; as deputadas Neusa Cadore, Fátima Nunes e Maria del Carmem, que mesmo chegando há pouco do aeroporto, vindo de Brasília, tiveram o compromisso de passar aqui para registrar a presença; a secretária Lucinha, que dispensa até comentários, porque é uma companheira com a qual contamos sempre nesta batalha de promoção de igualdade, na luta pelos interesses e pela afirmação de políticas inclusivas de nossa sociedade.

E dizer, de antemão, que é uma satisfação muito grande para mim, para todo nosso gabinete. E não posso negar que é uma satisfação muito grande também para esta Casa, mesmo esta Casa tendo ainda um número significativo de parlamentares que querem distância de todos nós. Inclusive de mim, porque sei que chegar ao Poder Legislativo, oriundo de um pai soldador, uma mãe doméstica, do interior, e sentar em uma cadeira desta Casa, por três mandatos é, sem sombra de dúvidas, uma agressão, uma violência à concepção daqueles que tinham isso aqui como privilégio de suas famílias e da elite burguesa do nosso Estado. Então é por isso que esse dia é um dia muito especial para todos nós. (Palmas)

Quero, ao agradecer o MST por nos proporcionar este dia diferente que reequipa nossas cargas de energia para continuarmos enfrentando e conduzindo as nossas batalhas.

Convidar a todos a ficarem de pé, para, sob o som do Hino da Bahia, encerrarmos este ato, agradecendo a todos e a todas.

(Execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Um agradecimento muito especial ao presidente desta Casa, deputado Marcelo Nilo, por nos proporcionar mais este evento. A presença do deputado Marcelo Nilo à frente dos trabalhos da Mesa Diretora desta Casa tem nos proporcionado avanços democráticos. Não podíamos deixar de pontuar e registrar isso.

Neste momento, encerraremos com a chamada de guerra maior da nossa luta, que é o Hino dos sem-terra.

(Execução do Hino dos sem-terra.) (Palmas)

(A plateia se manifesta, gritando palavras de ordem: “Não vai ter golpe! Trabalhadores unidos! Venceremos esta luta! Enquanto existir terra, existirá guerra...”)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Agradeço a presença das autoridades civis, militares e eclesiásticas, das Sr^{as} Deputadas e dos Srs. Deputados, de todos os presentes. Às 12h55min, damos por encerrada esta sessão especial.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.